

UNIFESP  
BIBLIOTECA CAMPUS GUARULHOS  
LOCALIZAÇÃO 110  
TOMBO 24306  
PRECEDÊNCIA Compra  
Rilizans e Guimaraes  
PRECO 25,48  
DATA DE ENTRADA 15/03/05

Incluso no Acervo da  
UNIFESP  
Campus Guarulhos

24575

# MEDITAÇÕES METAFÍSICAS

*René Descartes*

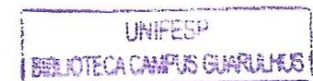
Introdução e notas  
HOMERO SANTIAGO

Tradução  
MARIA ERMANTINA GALVÃO

Tradução dos textos introdutórios  
HOMERO SANTIAGO

**Martins Fontes**

São Paulo 2005



[40] Donde é assaz evidente que ele não pode ser enganador, porquanto a luz natural nos ensina que o engano depende necessariamente de algum defeito.

[41] Mas, antes de examinar isso mais cuidadosamente e passar para a consideração das outras verdades que disso se pode recolher, parece-me muito oportuno deter-me algum tempo na contemplação desse Deus todo perfeito, pesar com todo o lazer seus maravilhosos atributos, considerar, admirar e adorar a incomparável beleza dessa imensa luz, ao menos na medida em que a força de meu espírito, que permanece de alguma forma ofuscado por ela, me puder permiti-lo.

42 [42] Pois, como a fé nos ensina que a soberana felicidade da outra vida consiste apenas nessa contemplação da Majestade divina, assim experimentemos desde já que semelhante meditação, embora incomparavelmente menos perfeita, faz-nos usufruir o maior contentamento de que sejamos capazes de sentir nesta vida.

.....  
 verdade anunciada no § 2 é validada e pode-se dizer que todas as idéias claras e distintas são certamente verdadeiras. O artifício do gênio maligno é então desmontado: fui criado por um ser perfeito, onipotente, onisciente e bom, logo, não enganador. No entanto, para consolidar tais ganhos é preciso ir mais adiante, quando o tema da veracidade deverá ser completado pela Meditação Quarta, com a análise do mecanismo do erro. Se Deus é bom, por que eu erro?

### *Do verdadeiro e do falso*

[1] Acostumei-me de tal maneira nesses dias passados a desprender meu espírito dos sentidos e observei tão exatamente que há muito poucas coisas que se conhecem com certeza no tocante às coisas corporais, que há muito mais que nos são conhecidas no tocante ao espírito humano, e ainda muito mais do próprio Deus, que agora desviarei sem nenhuma dificuldade meu pensamento da consideração das coisas sensíveis ou imagináveis<sup>1</sup>, para dirigi-lo àquelas que, sendo apartadas de qualquer matéria, são puramente inteligíveis.

[2] E, por certo, a idéia que tenho do espírito humano, na medida em que é uma coisa que pensa, e não extensa em comprimento, largura e profundidade, e que em nada participa daquilo que pertence ao corpo, é incomparavelmente mais distinta do que a idéia de alguma coisa corporal. E quando considero que duvido, ou seja, que sou uma coisa incompleta e dependente, a idéia de um ser completo e independente, ou seja, de Deus, apresenta-se ao meu espírito com a mesma distinção e clareza; e apenas pelo fato de que tal idéia está em mim, ou então de que

.....

1. Latim: *das coisas imagináveis*.

sou ou existo, eu que possuo essa idéia, eu concluo tão evidentemente a existência de Deus, e que a minha depende inteiramente dele em todos os momentos de minha vida, que não penso que o espírito humano possa conhecer nada com mais evidência e certeza. E já me parece que descubro um caminho que nos conduzirá dessa contemplação do verdadeiro Deus (no qual todos os tesouros da ciência e da sabedoria estão encerrados) ao conhecimento das outras coisas do Universo<sup>2</sup>.

43 [3] Pois, primeiramente, reconheço que é impossível que alguma vez ele me engane, porquanto em toda fraude e engano encontra-se algum tipo de imperfeição. E, embora pareça que poder enganar seja um sinal de sutileza, ou de potência, todavia, querer enganar testemunha fraqueza ou malícia. E, portanto, isso não pode encontrar-se em Deus.

[4] Depois, experimento em mim mesmo certa potência de julgar<sup>3</sup>, a qual sem dúvida recebi de Deus, bem como todo o resto das coisas que possuo; e, como ele não quereria iludir-me, é certo que não me deu tal que eu possa um dia falhar, quando a usar como é preciso. E não restaria nenhuma dúvida dessa verdade, se dela não se pudesse, ao que parece, tirar a consequência de que assim, então, nunca me posso enganar; pois, se tenho de Deus tudo o que possuo, e se ele não me deu potência para

.....

2. Enfim descoberta uma verdade (a existência de Deus) que permite ao eu pensante sair do interior de si mesmo, cumpre doravante alcançar outras verdades. Ora, investigar o mecanismo do erro é passo dos mais importantes para descobrir o "caminho" dessa dedução, validando plenamente a regra de veracidade que diz que tudo o que é clara e distintamente percebido é verdadeiro e evitando os falsos juízos.

3. Latim: *certa faculdade de julgar*.

falhar<sup>4</sup>, parece que nunca devo enganar-me. E, na verdade, quando só penso em Deus, não descubro em mim nenhuma causa de erro ou de falsidade<sup>5</sup>; mas, pouco depois, voltando a mim, a experiência me faz conhecer que sou, não obstante, sujeito a uma infinidade de erros<sup>6</sup>, dos quais, procurando a causa de mais perto, noto que não se apresenta somente ao meu pensamento uma real e positiva idéia de Deus, ou então de um ser soberanamente perfeito, mas também, por assim dizer, uma certa idéia negativa do nada, ou seja, daquilo que é infinitamente distante de todo tipo de perfeição; e que sou como um meio entre Deus e o nada, ou seja, situado de tal modo entre o soberano ser e o não-ser que na verdade nada se encontra em mim que me possa conduzir ao erro, na medida em que um soberano ser me produziu; mas que, se me considero como participando de alguma forma do nada ou do não-ser, ou seja, na medida em que eu mesmo não sou o soberano ser, acho-me exposto a uma infinidade de faltas, de forma que não me devo espantar se me engano.

[5] Assim conheço que o erro, enquanto tal, não é algo real que depende de Deus, mas que é somente um defeito; e, portanto, que não preciso, para falhar, de alguma

.....

4. Latim: *não me deu uma faculdade de errar*. Sou dotado de uma potência ou faculdade de julgar; porém, não de uma potência ou faculdade positiva de errar que pudesse ser causa dos erros, embora estes sejam fatos percebidos, logo existentes, dos quais cumpre investigar a causa. Um dos primeiros passos será a bipartição da potência de julgar em potência de querer e de entender (§ 9).

5. Latim: *quando só penso em Deus e volto-me inteiramente para ele, não depreendo nenhuma causa do erro ou da falsidade*.

6. Se Deus é bom e veraz, por que o erro? A experiência desses dois opostos, a percepção da absoluta perfeição divina e, pelo contrário, da imperfeição do erro, recoloca epistemologicamente o tradicional problema do embate e coexistência entre bem e mal num mundo criado por um Deus perfeito e bom.



potência que me tenha sido dada por Deus particularmente para esse efeito, mas que acontece que eu me engane, pelo fato de que a potência que Deus me deu para discernir o verdadeiro do falso não é em mim infinita.

[6] Todavia, isso ainda não me satisfaz totalmente; pois o erro não é uma pura negação, ou seja, não é o simples defeito ou falta de alguma perfeição que não me é devida<sup>7</sup>, mas, antes, é uma privação de algum conhecimento que parece que eu deveria possuir<sup>8</sup>. E, considerando a natureza de Deus, não me parece possível que ele me tenha dado alguma faculdade que seja imperfeita em seu gênero, ou seja, à qual falte alguma perfeição que lhe seja devida; pois, se é verdade que quanto mais experto é o artesão, mais perfeitas e completas são as obras que saem de suas mãos, qual ser imaginaremos ter sido produzido por esse soberano criador de todas as coisas, que não seja perfeito e inteiramente acabado em todas as suas partes? E, por certo, não há dúvida nenhuma de que Deus não pôde criar-me tal que eu nunca me pudesse enganar; é certo também que ele sempre quer o que é o melhor; ser-me-á então mais vantajoso falhar do que não falhar?

[7] Considerando isso com mais atenção, de início me vem ao pensamento que não devo espantar-me se minha inteligência não for capaz de compreender por que Deus faz o que faz, e que, assim, não tenho nenhuma razão de duvidar de sua existência, talvez pelo fato de eu ver, por

.....

7. Ou seja... é acréscimo do francês.

8. A *negação* é a falta de algo que realmente não deveria ser possuído: o homem não tem asas porque não é um pássaro, não compreende o infinito porque é finito; a *privação*, contudo, seria a carência de algo que se deveria ter, por exemplo: um cego não vê, mas o deveria, já que os homens são dotados de visão.

experiência, muitas outras coisas sem poder compreender por que razão nem como Deus as produziu. Pois, já sabendo que minha natureza é extremamente fraca e limitada e, ao contrário, que a de Deus é imensa, incompreensível e infinita, já não tenho dificuldade em reconhecer que há uma infinidade de coisas em sua potência cujas causas ultrapassam o alcance de meu espírito. E esta única razão é suficiente para persuadir-me de que todo esse gênero de causas, que se costuma tirar do fim, não tem nenhuma utilidade nas coisas físicas, ou naturais; pois não me parece que eu possa sem temeridade investigar e empreender descobrir os fins impenetráveis de Deus<sup>9</sup>.

[8] Ademais, ocorre-me também ao espírito que não se deve considerar uma só criatura separadamente quando se investiga se as obras de Deus são perfeitas, mas de modo geral todas as criaturas juntas. Pois a mesma coisa que poderia, talvez com algum tipo de razão, parecer muito imperfeita se estivesse totalmente sozinha, encontra-se muito perfeita em sua natureza se olhada como parte de todo este universo. E, embora, desde que tomei o desígnio de duvidar de todas as coisas, eu só tenha conhecido certamente minha existência e a de Deus, todavia também, desde que reconheci a infinita potência de Deus, não poderia negar que ele tenha produzido muitas outras coisas ou, pelo menos, que as possa produzir, de sorte que exista e esteja posto no mundo, como fazendo parte da universalidade de todos os seres.

[9] Em conseqüência disso, olhando-me de mais perto e considerando quais são meus erros (os quais sozinhos

.....

9. Latim: *os fins de Deus*. Não cabe investigar os fins de Deus, por conseqüência, será possível a construção de uma ciência física moldada pela matemática, pondo-se de lado, justificadamente, as considerações finalistas.

testemunham que há imperfeição em mim), vejo que dependem do concurso de duas causas, a saber, da potência de conhecer que existe em mim e da potência de eleger, ou então de meu livre-arbítrio, ou seja, de meu entendimento e conjuntamente de minha vontade. Pois, pelo só entendimento, eu não asseguro nem nego coisa alguma<sup>10</sup>, mas concebo somente as idéias das coisas, que posso assegurar ou negar. Ora, considerando-o assim precisamente, pode-se dizer que nele nunca se encontra erro algum, contanto que se tome a palavra erro em sua significação própria. E, ainda que talvez haja uma infinidade de coisas no mundo das quais não tenho a menor idéia em meu entendimento, não por isso se pode dizer que ele seja privado dessas idéias, como de algo que seja devido à sua natureza<sup>11</sup>, mas somente que não as tem; porque, com efeito, não há razão nenhuma que possa provar que Deus devesse ter-me dado uma maior e mais ampla faculdade de conhecer do que a que me deu; e, por mais habilitado e sábio operário que eu me represente, não devo por isso pensar que devesse pôr em cada uma de suas obras todas as perfeições que pode pôr em algumas. Também não posso queixar-me de que Deus não me tenha dado um livre-arbítrio, ou uma vontade assaz ampla e perfeita, uma vez que de fato a experimento tão vaga e tão extensa que não está encerrada em nenhum limite<sup>12</sup>. E o que me parece bem observável nesse ponto é que, entre todas as outras coisas que estão em mim, não há nenhuma tão perfeita e tão extensa que eu não reconheça que poderia ser

.....

10. Acréscimo do francês: *eu não asseguro nem nego coisa alguma*.

11. Acréscimo do francês: *como de algo que seja devido à sua natureza*.

12. Latim: *experimento que não é restringida por nenhum limite*.

ainda maior e mais perfeita. Pois, por exemplo, se considero a faculdade de conceber que está em mim, vejo que é de muito pequena extensão, e grandemente limitada, e ao mesmo tempo represento-me a idéia de outra faculdade muito mais ampla, e mesmo infinita; e, apenas pelo fato de poder representar-me sua idéia, conheço sem dificuldade que ela pertence à natureza de Deus. Da mesma forma, se examino a memória, ou a imaginação, ou alguma outra potência, não encontro nenhuma que não seja em mim muito pequena e limitada, e que em Deus não seja imensa e infinita. Há unicamente a vontade<sup>13</sup>, que experimento em mim ser tão grande que não concebo a idéia de nenhuma outra mais ampla e mais extensa; de sorte que é ela, principalmente, que me faz conhecer que eu trago a imagem e a semelhança de Deus. Pois, ainda que ela seja incomparavelmente maior em Deus do que em mim, seja em razão do conhecimento e da potência, que nele se encontrando juntos a tornam mais firme e mais eficaz, seja em razão do objeto, na medida em que ela se dirige e se estende infinitamente a mais coisas, ela todavia não me parece maior, se a considero formal e precisamente em si mesma. Pois ela consiste somente no fato de podermos fazer uma coisa, ou não a fazer (ou seja, afirmar ou negar, perseguir ou fugir), ou, antes, somente no fato de, para afirmar ou negar, fugir às coisas que o entendimento nos propõe, agirmos de tal modo que não sentimos que nenhuma força exterior nos constrange a isso. Pois, para que eu seja livre, não é necessário que eu seja indiferente para escolher um ou o outro dos dois contrários<sup>14</sup>; mas, antes,

.....

13. Latim: *a vontade ou o livre-arbítrio*.

14. Latim: *não é necessário que eu possa ser levado a um ou outro dos dois contrários*.



quanto mais pendo por um, seja porque eu conheça evidentemente que nele se encontram o bem e o verdadeiro, seja porque Deus disponha assim o interior de meu pensamento, tanto mais livremente faço a escolha e a abraço. E, por certo, a graça divina e o conhecimento natural, muito longe de diminuir-me a liberdade, antes a aumentam e a fortificam. De forma que esta indiferença que sinto, quando não sou impelido mais para um lado do que para outro pelo peso de alguma razão, é o mais baixo grau da liberdade, e mais faz parecer um defeito no conhecimento do que uma perfeição na vontade<sup>15</sup>; pois, se sempre conhecesse claramente o que é verdadeiro e o que é bom, eu jamais teria dificuldade de deliberar qual juízo e qual escolha deveria fazer; e, assim, seria inteiramente livre, sem jamais ser indiferente<sup>16</sup>.

[10] Por tudo isso reconheço que nem a potência de querer, que recebi de Deus, é por si mesma a causa de meus erros, pois ela é muito ampla e muito perfeita em sua espécie; nem também a potência de entender ou de conceber; pois, nada concebendo senão por meio dessa potência que Deus me deu para conceber, sem dúvida tudo o que concebo concebo-o corretamente, e não é possível que nisso me engane. De onde então nascem meus erros? A saber, só do fato de que, sendo a vontade muito mais ampla e mais extensa do que o entendimento, não a contendo nos mesmos limites, mas a estendo também às coisas que não entendo; sendo por si indiferente a elas,

.....

15. Latim: *é o mais ínfimo grau de liberdade e não testemunha nenhuma imperfeição nela, mas apenas certo defeito ou negação no conhecimento.*

16. A indiferença equivaleria à ignorância; claramente percebido o verdadeiro, o assentimento à verdade é uma consequência quase necessária.

ela se desencaminha com muita facilidade e escolhe o mal pelo bem, ou o falso pelo verdadeiro<sup>17</sup>. O que faz que me engane e que peque.

[11] Por exemplo, examinando estes dias passados se existia alguma coisa no mundo e conhecendo que pelo simples fato de eu examinar essa questão seguia-se com muita evidência que eu mesmo existia, não podia impedir-me de julgar que algo que concebia tão claramente era verdadeiro, não que a isso me achasse forçado por alguma causa exterior, mas somente porque, de uma grande clareza que existia em meu entendimento, seguiu-se uma grande inclinação em minha vontade; e fui levado a crer com tanto mais liberdade quanto me achei com menos indiferença<sup>18</sup>. Ao contrário, no presente não sei somente que existo, na medida em que sou alguma coisa que pensa, mas também se apresenta a meu espírito uma certa idéia da natureza corporal; o que faz com que eu duvide se essa natureza que pensa, que está em mim, ou antes, pela qual sou o que sou, é diferente dessa natureza corporal, ou então se ambas são apenas uma mesma coisa. E suponho aqui que ainda não conheço nenhuma razão que me persuada mais de um do que do outro: daí se segue que sou inteiramen-

.....

17. A própria constituição de meu ser, participando de alguma forma do tudo e do nada, do ser e do não-ser, meio termo de um descompasso entre finito e infinito, seria explicação do erro, pois ele resultaria de um mau uso das minhas próprias faculdades. A continuação, "o que faz que me engane e peque", assimila o erro na ciência ao pecado, o erro moral. O objetor Arnauld pedira a reformulação deste trecho, ao que Descartes acedera, no Resumo, porém sem alterar o texto da Meditação; cf. Resumo das Seis Meditações.

18. Um exemplo perfeito da concepção de liberdade apresentada é o cogito: se penso, existo. O estabelecimento do elo entre as duas partes do argumento e o que me impele a afirmá-lo é uma determinação interior proporcionada pela clareza do entendimento.

te indiferente a negá-lo, ou a assegurá-lo, ou até mesmo a abster-me de dar algum juízo sobre isso.

[12] E essa indiferença não se estende somente às coisas de que o entendimento não tem nenhum conhecimento, mas também, de modo geral, a todas aquelas que ele não descobre com uma perfeita clareza, no momento em que a vontade delibera sobre elas; pois, por mais prováveis que sejam as conjeturas que me tornam inclinado a julgar alguma coisa, o só conhecimento que tenho de que são apenas conjeturas, e não razões certas e indubitáveis, basta para dar-me a ocasião de julgar o contrário. O que experimentei suficientemente nesses dias passados, quando coloquei como falso tudo o que tivera anteriormente por muito verdadeiro, apenas porque notei que disso se podia duvidar de algum modo.

[13] Ora, se me abstenho de dar meu juízo sobre uma coisa, quando não a concebo com bastante clareza e distinção, é evidente que o uso muito bem e que não estou enganado; mas, se me determino a negá-la, ou assegurá-la, então já não me sirvo como devo de meu livre-arbítrio; e, se asseguro o que não é verdadeiro, é evidente que me engano; até mesmo, ainda que eu julgue segundo a verdade, isso só ocorre por acaso, e não deixo de falhar e de usar mal meu livre-arbítrio<sup>19</sup>; pois a luz natural ensina-nos  
48 que o conhecimento do entendimento sempre deve preceder a determinação da vontade. E é nesse mau uso do livre-arbítrio que se encontra a privação que constitui a forma do erro. A privação, digo eu, encontra-se na operação, na medida em que ela procede de mim; mas não se encontra na potência que recebi de Deus, nem mesmo na

.....

19. Acréscimo do francês: *e de usar mal meu livre-arbítrio*.

operação, na medida em que depende dele. Pois não tenho, por certo, nenhum motivo para queixar-me de que Deus não me deu uma inteligência mais capaz, ou uma luz natural maior do que aquela que devo a ele, porquanto, de fato, é próprio do entendimento finito não compreender uma infinidade de coisas, e próprio de um entendimento criado ser finito; mas tenho todos os motivos para render-lhe graças pelo fato de, embora jamais me tendo devido nada, ele me deu todo o pouco de perfeições que está em mim: muito longe de conceber sentimentos tão injustos<sup>20</sup>, como imaginar que ele me tenha tolhido ou retido injustamente outras perfeições que não me deu. Também não tenho motivo para queixar-me por ele me ter dado uma vontade mais extensa do que o entendimento, uma vez que, consistindo a vontade apenas numa só coisa, e sendo seu sujeito como que indivisível, parece que sua natureza é tal que não se lhe poderia tolher nada sem a destruir; e, por certo, quanto maior ela é, mais tenho de agradecer à bondade daquele que me deu. E, por fim, também não devo queixar-me por Deus ter concorrido comigo para formar os atos dessa vontade, ou seja, os juízos em que me engano, porque estes atos são inteiramente verdadeiros, e absolutamente bons, na medida em que dependem de Deus; e há de alguma forma mais perfeição em minha natureza por eu poder formá-los do que se

.....

20. Acréscimo do francês: *muito longe de conceber sentimentos tão injustos*.

21. Formando juízos, exercemos nossa vontade e, "de alguma forma", poderíamos dizer que errando ou pecando reafirmamos nossa livre vontade, a infinitude que está em nós e nos assemelha ao criador. Não fosse assim, seguindo-se do intelecto a escolha por uma necessidade brutal, o homem seria apenas uma máquina intelectual, até diríamos, emprestando uma fórmula de Espinosa, um "autômato espiritual".



não o pudesse<sup>21</sup>. Quanto à privação, que consiste sozinha na razão formal do erro e do pecado, ela não precisa de nenhum concurso de Deus, uma vez que não é uma coisa ou um ser e que, se a relacionamos a Deus como à sua causa, ela não deve ser nomeada privação, mas somente negação, conforme a significação que se dá a essas palavras na Escola<sup>22</sup>.

[14] Pois de fato não é uma imperfeição em Deus ele me ter dado a liberdade de dar meu juízo, ou de não o dar, sobre certas coisas cujo conhecimento claro e distinto ele não pôs em meu entendimento; mas sem dúvida é uma imperfeição em mim que eu não o use bem e que dê temerariamente o meu juízo sobre coisas que concebo apenas com obscuridade e confusão.

[15] Vejo, não obstante, que teria sido fácil para Deus fazer com que eu nunca me enganasse, conquanto permanecesse livre e com um conhecimento limitado, a saber: dando a meu entendimento uma clara e distinta inteligência de todas as coisas sobre as quais eu devia alguma vez deliberar, ou então somente se ele tivesse tão profundamente gravado em minha memória a resolução de nunca julgar coisa alguma sem a conceber clara e distintamente que nunca eu a pudesse esquecer. E noto que, na medida em que me considero totalmente sozinho, como se houvesse apenas eu no mundo, eu teria sido muito mais perfeito do que sou se Deus me tivesse criado tal que eu nunca falhasse. Mas nem por isso posso negar que exista, de alguma forma, uma perfeição maior em todo o Universo, pelo fato de algumas de suas partes não serem isentas de

.....

22. Acréscimo do francês: *conforme a significação...* "Escola": nome genérico para designar a filosofia escolástica, de forte fundamentação aristotélica, imperante à época nos colégios e universidades.

defeitos, do que se todas elas fossem semelhantes. E não tenho direito algum de queixar-me se Deus, tendo-me posto no mundo, não tenha querido pôr-me na categoria das coisas mais nobres e mais perfeitas; até tenho motivos para contentar-me de que, se ele não me deu a virtude de não falhar, pelo primeiro meio que declarei acima, que depende de um claro e evidente conhecimento de todas as coisas sobre as quais posso deliberar, ele ao menos deixou em minha potência o outro meio, que é o de manter firmemente a resolução<sup>23</sup> de jamais dar meu juízo sobre as coisas cuja verdade não me é claramente conhecida<sup>24</sup>. Pois, conquanto note em minha natureza essa fraqueza de nunca poder prender continuamente meu espírito a um mesmo pensamento, posso, todavia, por uma meditação atenta e amiúde reiterada, imprimi-lo tão fortemente na memória<sup>25</sup> que nunca deixe de me lembrar disso todas as vezes que necessitar, e adquirir dessa forma o hábito de não falhar. E, visto que é nisso que consiste a maior e principal perfeição do homem, estimo não ter ganhado pouco com esta Meditação: ter descoberto a causa das falsidades e dos erros.

[16] E, por certo, não pode haver outra senão aquela que expliquei; pois todas as vezes que retenho de tal modo minha vontade nos limites de meu conhecimento que ela não faz nenhum juízo a não ser sobre coisas que lhe são clara e distintamente representadas pelo entendimento, não pode ocorrer que eu me engane; porque toda con-

.....

23. Acréscimo do francês: *manter firmemente a resolução*.

24. Ou seja, posso iniciar pela dúvida, livremente negando tudo e reconstruindo a ciência desde seus fundamentos com a devida precaução. A via da Primeira Meditação encontra, ao cabo da Quarta, uma justificativa profunda.

25. Acréscimo do francês: *imprimi-lo tão fortemente na memória*.

26. Latim: *é algo*.



50 cepção clara e distinta é sem dúvida alguma coisa real e positiva<sup>26</sup> e, portanto, não pode tirar sua origem do nada, mas deve necessariamente ter Deus como seu autor; Deus, digo, que sendo soberanamente perfeito não pode ser causa de nenhum erro; e, por conseguinte, cumpre concluir que uma tal concepção ou um tal juízo é verdadeiro<sup>27</sup>.

[17] Aliás, não somente aprendi hoje o que devo evitar para não falhar, mas também o que devo fazer para alcançar o conhecimento da verdade. Pois, certamente, eu o alcançarei, se detiver suficientemente minha atenção sobre todas as coisas que conceber perfeitamente, e se as separar das outras que só compreendo com confusão e obscuridade<sup>28</sup>. Ao que, doravante, cuidadosamente prestarei atenção.

.....

27. Está completamente validada a regra de verdade conseguida pela reflexão acerca do cogito e apresentada na Meditação Terceira (§ 2), pois confirma-se que existe um Deus bom e veraz e que ele não é responsável pelos meus erros.

28. Latim: *que apreendo confusa e obscuramente*.

***Da essência das coisas materiais e, mais uma vez, de Deus, que ele existe***

[1] Restam-me muitas outras coisas para examinar, no tocante aos atributos de Deus e no tocante à minha própria natureza, ou seja, a de meu espírito: mas talvez retome uma outra vez a sua investigação. Agora (depois de ter notado o que se deve fazer ou evitar para alcançar o conhecimento da verdade), o que tenho de fazer principalmente é tentar sair e desvencilhar-me de todas as dúvidas em que caí nesses dias passados e ver se nada de certo se pode conhecer no tocante às coisas materiais.

[2] Mas, antes de examinar se há tais coisas que existem fora de mim, devo considerar suas idéias, na medida em que estão em meu pensamento, e ver quais as que são distintas e quais as que são confusas.

[3] Em primeiro lugar, imagino distintamente esta quantidade que os filósofos chamam vulgarmente quantidade contínua, ou então a extensão em comprimento, largura e profundidade que está nessa quantidade, ou melhor, na coisa a que a atribuem. Ademais, nela posso enumerar várias partes diversas e atribuir, a cada uma dessas partes, todas as espécies de grandezas, de figuras, de situações e de movimentos; e, enfim, posso assinalar a cada um desses movimentos todas as espécies de duração.